

“Mais imposto para viabilizar crescimento”

Werneck — Eu acho que é uma coisa que está se repetindo neste Governo, um comportamento muito infeliz, dizer que não vai fazer peremptoriamente coisas — como aumento de impostos, por exemplo — que vai ter que fazer. O Governo já fez isso várias vezes, e não vejo nenhuma razão para acreditar que não vá ser feito por causa dessa declaração do Presidente Sarney. Ele está mal informado. Mais tarde, ele vai ser obrigado a fazer.

Márcio Fortes — Aí, para manter a palavra, ele faz um empréstimo compulsório “doido”, qualquer coisa dessas.

Simonsen — Não dá. Mesmo que você faça um empréstimo compulsório, você não consegue os recursos no volume necessário para reequilibrar toda a economia. Vamos falar o português castiço: se fosse tão simples ajustar as economias sempre via de oferta, não havia país subdesenvolvido no mundo, todo o mundo primeiro aumentaria a demanda ao máximo, o que é muito agradável, e depois a oferta ia atrás, automaticamente.

Márcio Fortes — O comportamento dos juros é gravíssimo, e dos salários não importa, o dos salários é quase correspondente, quer dizer as empresas estão operando bem e estão inventando uma novidade muito comum agora em 86, que é de certa forma trocar o aumento de salários por participação na produtividade, por remunerações menos formalizadas, como forma de passar inclusive

todos os **constraints** da legislação trabalhista. Algumas empresas rapidamente se ajustaram para remunerar os seus funcionários de forma não salarial em termos da legislação e pagar ao sujeito mais por outras formas, proporcionalmente à produtividade. Eu acho que a parte salarial não está pegando, não. Está pegando, a partir de agora, sobretudo de 2 meses para cá, com muita intensidade, é o tamanho dessa taxa de juros. Isso é muito sério.

Werneck — Agora, só uma qualificação: o aumento de impostos. Eu não vi ninguém até agora, não só nesta mesa, como entre as pessoas relevantes que participaram da discussão, propor aumento de impostos para combater o crescimento de longo prazo. Quer dizer, essa conotação de que o imposto é para combater o crescimento tem que ser evitada, certamente porque o Sarney jamais pensou nessa hipótese.

Simonsen — Acho que ninguém pensou nessa hipótese.

Paulo Rabello — Só que acaba sendo isso. E esse é o meu ponto. No Brasil de hoje a política fiscal acaba sendo uma política autofágica em que o aumento de impostos...

Simonsen — Paulo, o que você chama de política fiscal? Cortar subsídios ao trigo?

Paulo Rabello — Não. Pelo contrário. Eu estou falando de aumento de impostos, principalmente do aumento de impostos sobre a classe assalariada, que é onde

recaem os impostos. Se você falar em reforma tributária, tornar os impostos menos regressivos, tornar os impostos mais diretos e cortar subsídios e isenções, isso é outra história.

Bacha — Você é a favor de cortar subsídios ao trigo? No Proálcool, você é a favor de cortar subsídios. Você é a favor de cortar subsídios ao trigo e açúcar?

Paulo Rabello — Eu acho que nós devemos ter um plano de fazer isso. Exatamente. E, se possível, até rapidamente.

Bacha — Você concorda com isso? Que há subsídios para essas grandes produtoras ineficientes de açúcar e de trigo?

Paulo Rabello — Claro. Claro. Se você ler o **Agroanálise**, da Fundação Getúlio Vargas, desde 1977, você não vai se surpreender com a minha posição, que é completamente antagônica, a subsídios, que em geral recaem sobre setores cuja rentabilidade privada é muito maior do que a sua rentabilidade social, ou seja, são setores que não valem tanto a pena. Agora, eu coloco isso no capítulo mais de realinhamento de preços, realinhamento de incentivos setoriais do que propriamente de aumento de carga fiscal.

Cesar Maia — Uma questão que me preocupa é a seguinte. Nós temos a estrutura da renda extremamente concentrada. Queremos caminhar para construir um País em que essa renda seja melhor distribuída. Mas temos uma

estrutura de oferta que corresponde àquela estrutura de demanda para uma renda muito concentrada. Se você opta por manter a economia equilibrada, a lógica da economia é você continuar a desenvolver, crescer e manter essa harmonia porque pressupõe manter a renda mal distribuída. Como é que você descontinua isso sem produzir desequilíbrio? É impossível. Tem que produzir desequilíbrio. Como é que você oferece instrumentos de política econômica para enfrentar esse desequilíbrio que ocorrerá necessariamente na descontinuidade? Com o racionamento? Com canalização através do gasto social do Governo através de importações para ajustar essa base de transição? Essa é a questão que está nos preocupando. Se nós resolvermos reequilibrar, nós vamos é manter a mesma lógica de desenvolvimento anterior. Nos parece que algumas medidas vão ter que ser ajustadas. A questão da discussão da cesta básica de consumo, todo o mundo fala nisso, nunca se define a cesta básica de consumo, como é que deve ser uma cesta básica de consumo.

Paulo Rabello — Hoje, não tem nenhum setor estatístico capaz de dizer qual é a cesta básica. O Edmar sabe?

Bacha — Daqui a um ano eu vou saber.

Paulo Rabello — Isso é importante jornalisticamente falando. Porque, quando o Governo quiser utilizar uma cesta básica de consumo que seja atualizada, aí já é norma. Porque o problema da cesta básica é para se verificar hoje.